

IVAN GROZNY / 1944-1946

(*Ivan, O Terrível*)

um filme de Sergei M. Eisenstein

Realização e Montagem: Sergei M. Eisenstein / **Argumento:** Sergei M. Eisenstein / **Fotografia:** Eduard Tissé (exteriores) e Andrei Moskvín (interiores) / **Música:** Sergei Prokofiev / **Direcção Artística:** Sergei Mikhailovitch Eisenstein / **Cenários:** Isaac Spinel / **Guarda-Roupa:** Leonid Naumova / **Som:** V. Bogdenkevitch e B Yolsky / **Canções:** Lugosky / **Interpretação:** Nikolai Tcherkassov (Ivan, o Terrível), Seraphina Birman (Eufrosínia, a tia do Czar), Ludmila Tzelikovskaja (Anastásia Romanova, a Czarina), Pavel Kadotchnikov (Vladimir, o filho de Eufrosínia), Mikhail Nazvanov (Príncipe Andrei Kurbski), Andrei Abrikossov (Príncipe Kolytchov, mais tarde Filipe, Metropolita de Moscovo), Mikhail Zarov (Maliuta Skuratov, "os olhos e os ouvidos" de Ivan), Ambrosi Butchma (Alexei Basmanov), Alexandre Mgebrov (Pimen, Bispo de Novgorod), Mikhail Kuznecov (Fedor Basmanov, filho de Alexei), Vsevolod Pudovkin (Nicolas, "o inocente"), Vladimir Balachov (Pieter Volynetz), Erik Pyrier (Ivan, em novo), Pavel Massolsky (Sigismundo, Rei da Polónia), etc.

Produção: Mosfilm / **Distribuição:** Mosfilm / **Cópia:** Digital, preto e branco e cor, legendada em português / **Duração:** (1ª parte): 95 minutos, (2ª parte): 82 minutos / **Duração total:** 177 minutos / **Estreia Mundial:** 1ª parte: 30 de Dezembro de 1944, no Teatro Bolchoi, em Moscovo; 2ª parte: Festival Internacional de Bruxelas, Maio de 1958 / **Estreia em Portugal:** Lisboa, 4 de Outubro de 1971, no cinema Apolo 70.

Entre a projecção das duas partes do filme há um intervalo de 20 minutos.

Quase cinquenta anos vão passados desde que a 2ª parte do filme **Ivan, o Terrível** foi revelada ao Ocidente, corria o ano de 1958 e Bruxelas, em exposição, fazia a "apoteose" de 60 anos do cinema. Eisenstein deixara este mundo dez anos antes. Em 1948, aos 50 anos de idade, no mesmo ano que o cineasta que mais admirara e, com ele, mais venerado ainda hoje é: David Wark Griffith. E o Ocidente descobria extasiado, nessas projecções de Bruxelas (seguidas por quase todas as capitais do mundo, à excepção de Lisboa, que em anos de Salazar teve que esperar mais de dez anos pela revelação) a obra máxima do "génio dos génios", o "filme-testamento", "filme-súmula" duma carreira.

É ou não o melhor de Eisenstein, como logo nesse ano o proclamaram os *Cahiers* na lista dos seus melhores "12 filmes de sempre" e como a crítica portuguesa, por esmagadora maioria, o votou em 1982 ou como no inquérito da Lisboa 1994 se voltou a sustentar? Nem toda a gente é unânime: há quem continue a preferir o "velho" **Couraçado Potemkine** (1925), há quem diga que a obra não atinge a "consonância" da "ópera absoluta" chamada **Alexandre Nevski**, estreada em 1938. Mas ninguém, nunca, na posse do seu juízo, negou a **Ivan** o estatuto de obra-prima absoluta e de um dos maiores filmes jamais em parte alguma realizado. Mas vamos à história que é complicada. Depois de **Potemkine**, de **Outubro**, da **Linha Geral**, "toda a gente" sabe que a vida do "maior dos soviéticos" não foi fácil. Mudava a década dos anos 20 para 30 e Eisenstein (com Tissé, o

maior dos operadores do cinema soviético, e com Alexandrov, então só ainda seu assistente) obteve autorização para deixar a URSS e andar pelos Ocidentais. Esteve em França, na Suíça (onde deixou filmes que ainda hoje se discute se serão dele ou não dele), em Londres, e depois em Hollywood, onde desde 1926 (ano em que o **Couraçado** foi conhecido do "lado de cá") muitos o perseguiam com propostas (até um impenitente capitalista como Douglas Fairbanks Senior). Não conseguiu triunfar na "capital do cinema", abortada a realização da adaptação de **An American Tragedy** que Sternberg realizou, depois, em sua vez. Foi até ao México e filmou milhares de metros de **Que Viva México!**, muitos anos depois montado e remontado por alguns, com usos e abusos discutíveis. Em 1932 estava de volta, a uma União Soviética bem diferente daquela que deixara três anos antes. **O Prado de Bréjine** foi um sonho de três anos, mas só ficou meia-hora que não agradou nada a Estaline. Eisenstein penou até que as coisas ficaram feias com a Alemanha e se achou que ele era o homem para ressuscitar velhas resistências. Estaline, que amava e odiava como Ivan, chamou-o de novo ao seu seio e encomendou-lhe o **Nevsky**, contra os teutões. Mas, no ano seguinte (39), Estaline e Hitler aliavam-se, por interpostos Ribbentrop e Molotov em Moscovo, e o filme era tudo menos conveniente. Eisenstein, regressado ao teatro, afinal a sua paixão predominante (nunca é demais lembrá-lo) era incumbido de encenar Wagner (**A Valquiria**) para bodas nazi-soviéticas em 1940. Não houve tais núpcias e houve guerra. Então Eisenstein apresentou o projecto de um filme sobre Ivan IV, dito "O Terrível" (1530-1584) que fora o primeiro a ter título de "czar" e o primeiro a conceber a "grande unificação da Rússia". Ivan-Estaline, anos 40, o paralelo era óbvio, e do próprio Altíssimo vieram as ordens (ainda Hitler não atacara a URSS) para que não lhe fossem regateados meios para reconstituir o reinado de Ivan, a Rússia do século XVI e a epopeia resumida nas legendas iniciais. Eisenstein foi para Alma-Ata mas, entretanto, Hitler decidiu-se a romper o pacto e a liquidar o inimigo do leste. Teve a mesma sorte que Napoleão tivera 150 anos antes, mas, nesses terríveis anos de 42 e 43, Eisenstein não pôde dispor (compreensivelmente) dos capitais com que sonhara. **Ivan** - ele o disse - era a suma e súpula da sua obra. Um filme imenso, desmedido, em três partes: **A Tomada do Poder por Ivan; A Conspiração dos Boiardos; As Lutas Finais de Ivan**. De 43 e 45, filmou as duas primeiras partes num projecto tão megalómano como ele próprio era. Ao princípio, foi o triunfo. A 30 de Dezembro de 1944, quando já não havia nazis em território russo e os exércitos soviéticos avançavam sobre a Roménia, a Polónia e a própria Alemanha, o Teatro Bolchoi engalanou-se para ver a primeira parte de **Ivan**, com Estaline no camarote de honra, a aplaudir. Dez anos depois da "desgraça" do **Prado de Bréjine**, Eisenstein (prémio Estaline de 40, professor universitário em 41) triunfava. Nenhum dos seus inimigos (e se os tinha, e poderosos) ousava abrir a boca. Mas, em 46, finda a "segunda parte", tudo mudou. Estaline ficou gelado quando viu "aquilo". Proscrição, banição. Debalde, o autor de **Potemkine** lhe suplicou, nos últimos dois anos da sua vida, que o autorizasse a filmar a terceira parte. Nunca haveria "terceira parte" e a segunda jamais foi autorizada para exibição pública. Eisenstein não acabou com balas (como o seu mestre, Meyerhold, de quem **Ivan** é o sucessor directo). Um ataque cardíaco levou-o em 48. De **Ivan**, fora da URSS, nada se sabia. Depois, morreu Estaline (53) veio Krutchev, veio o XX Congresso e em 58 a autorização para mostrar tudo.

Devo desde já dizer - para não fazer batota - que pese embora aos admiradores de **Potemkine** (e eu sou-o) este é, para mim, de facto o maior. E não vou lá pela política. Se fosse, teria muito que dizer e a "psicanálise" de Eisenstein face ao Poder (Ivan ou Estaline) levava-nos longe. Mas poucas vezes uma obra me dá a sensação de grandeza absoluta como esta, seja na primeira parte (amada por Estaline) seja na segunda (odiada por ele). Devo dizer até - insuspeitadamente, espero - que até percebo Estaline. Se ele se podia rever na primeira parte, reencarnando Ivan na Rússia, como podia aceitar a segunda em que tudo é menos esquemático (não digo que mais ou menos belo) e os "heróis negativos" (Eufrosínia e o filho) adquirem a mesma dimensão trágica de Ivan? (para já não falar do assombroso personagem que é o Metropolita de Moscovo, amigo e espelho de Ivan).

Por isso, a primeira parte é a preto e branco (branco para a Czarina envenenada, para Ivan em Kazan e nas neves de Alexandrov - essa sequência, Santo Deus! - preto para Eufrosínia e os

boiardos) e o final é a cores, com o décor a dominar tudo, desde os anjos de Nabucodonosor até a canção dos castores e à grandeza desse fabuloso personagem que é a tia do Czar. A partir da entrada dos "anjos" deixa de haver "bons" e "maus" mas conflitos de poderes assumidos até às últimas consequências. E Ivan, perdida a mulher, perdida a família, perdido o amigo, é só o grande solitário, vingando-se sobre coisa nenhuma, nos acordes dilacerantes da genial partitura de Prokofiev.

Não tenho tempo nem espaço para falar de todas as maravilhas deste filme, entre todos o mais trágico. Para falar de Tcherkassov ou de Seraphina Birman, dos décors, do guarda-roupa, de tudo.

Para falar do "oculto erotismo" da obra, com a barba de Ivan, como apoteose de todos os símbolos fálicos que conheço.

Aproveito as últimas linhas para registrar os termos da condenação da segunda parte de **Ivan** que, "a contrario sensu", tudo dizem: "O realizador Sergei Eisenstein, na segunda parte do filme **Ivan, O Terrível**, revelou a sua ignorância dos factos históricos, mostrando a guarda de corpo progressista de Ivan, como um bando de degenerados, género Ku-Klux-Klan. E o próprio Ivan, homem de vontade e carácter, como um fraco indeciso, como se fosse Hamlet". Durante todo o filme há três olhares sobre Ivan: o Cristo (o Cristo bizantino e eslavo, dito "pantocrator"), o do acólito popular (olhando e vendo através do Olhar Sagrado) e dos presentes e ausentes inimigos. Entre esses três olhares, (essas três Romas) Ivan está só, perdido o útero materno (tia, mulher, igreja), junto do qual se julgava albergar. Ficamos com a canção de Eufrosínia, que a todos se aplica e a Ivan também. O resto, como em Shakespeare, é silêncio. E uma alucinante beleza.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico